VIRTUAL REALIDADE

Passavam das 11 horas da noite e uma quantidade considerável de mendigos buscava o velho centro abandonado da cidade para pernoitar.

Espalhavam-se aos grupos. Buscavam construções abandonadas, marquises e terrenos baldios caso não chovesse.

Um desses grupos, composto de 4 mendigos, Zé Tonho, Juracy, Rogério e Teodoro, abrigou-se no fundo de um terreno, volta e meia usado como depósito de entulho. Mesmo com o risco de uma eventual chuva, o recuo do local propiciava uma proteção maior contra intrusos ou até mesmo grupos de jovens que tinham por diversão atear fogo em mendigos na calada da noite.

Qualquer um que adentrasse ao terreno, seria denunciado pelo barulho de seus passos remexendo o entulho. Por essa razão, o grupo se sentia razoavelmente seguro em escolher aquele lugar para dormir, ainda mais em uma noite sem uma nuvem no céu.

O grupo acabara de se formar ao longo daquele dia e nada assegurava que permaneceriam juntos pelas próximas 24 horas. Rogério e Zé Tonho passaram o último mês rondando cidades da região, sem destino certo. Encontraram Juracy na fila do sopão de um lar espírita, que lhes falou do lugar. Idéia bem recebida que lhe valeu a entrada para o grupo.

Ao chegarem ao local, depararam-se com Teodoro. Franzino, sujo, calado, de olhos caídos e expressão passada. Transparecia absoluto abandono e desinteresse pela vida. Jogado, fedendo a urina, dava a impressão que mal tinha forças para cuidar de si.

Juracy quis expulsá-lo do local aos berros, enxotando-o como um cachorro. Foi contido por Rogério, que se compadeceu diante da situação do frágil Teodoro.

Teodoro não esboçou qualquer reação com a chegada dos outros três, que acabaram por tomar conta do espaço. De olhos caídos e fisionomia atônita permaneceu. Reação incomum, já que nem ao menos reivindicou sua posse do local. Não disse qualquer palavra, nem tampouco qualquer reação, nem mesmo expressou qualquer gratidão quando Rogério lhe ofertou um pedaço de pão velho em sinal de camaradagem.

A única coisa que Teodoro pronunciou foi o próprio nome, após muita insistência dos outros. Convenceram-se que se tratava de pessoa inofensiva e o espírito solidário de Rogério prevaleceu, fazendo com que Teodoro fosse agregado ao grupo, pelo menos naquela noite.

Adormeceram. Mas logo foram despertados por uma tosse incessante por parte de Teodoro. O coitado tossiu muito, a ponto de perder o fôlego. Juracy passou a reclamar do incômodo. Mas os três se compadeceram quando o frágil Teodoro expeliu sangue pela boca.

Rogério foi ao seu lado e chegou a segurá-lo pela testa.

- Homem, assim você vai morrer logo. Amanhã, eu vou te levar a um posto de saúde para a gente pegar um xarope.

Era o lado humano de Rogério mais uma vez falando alto. Cessada a tosse, Teodoro sequer agradeceu as palavras do colega. Tratou-se de se recostar mais uma vez num montinho de escombros.

À frente do terreno foram ouvidos barulhos de carros. Uma agitação tomou conta do local. Mendigos surgiram de todos os cantos em direção aos veículos. Seguiu-se o seguinte aviso:

- É o sopão.

Os três começaram a se mexer, com exceção de Teodoro que ficou estático. Rogério chegou a chamá-lo.

- Vamos tomar uma sopinha. É o pessoal espírita. Vem com a gente.

Teodoro não se mexeu. Permaneceu de olhar fixo, alheio a tudo.

Os três seguiram para a fila indiana de tamanho considerável. O pessoal dos dois carros armaram uma mesa improvisada com uma tábua e dois caixotes. Colocaram dois panelões e passaram a servir o caldo. Os mendigos eram servidos em garrafas pet, canecas, pratos sujos e para aqueles que não tinham nenhum recipiente, era dado o caldo em copo descartável.

Na vez de Rogério se servir, disse que tinha um amigo sem forças para vir e solicitou uma porção a mais. Prontamente foi atendido.

Na volta, Rogério deu o copo a Teodoro que mal deu um gole no caldo e o devolveu.

- Toma tudo “meu”. Vai te fazer bem.

Novamente, calado Teodoro permaneceu.

Uma vez alimentados, o grupo voltou ao seu ânimo normal. Seguiram-se estórias de um passado recente, a começar por Zé Tonho.

- Eu fui médico, cheguei a clinicar em hospital.

Logo foi repreendido por Juracy:

- Médico ou enfermeiro? Você me disse que tinha sido enfermeiro.

Zé Tonho prosseguiu:

- Larguei a medicina no terceiro ano de faculdade, em Vassouras. Foi a bebida que me trouxe para cá. Antes de destruir minha família, eu saí de casa.

Já contava essa estória sem rancor. Foi a vez de Rogério se pronunciar, enquanto deitado mirava as estrelas.

- Eu também fugi de casa. Eu venho de família boa. Pai advogado, mãe psicóloga. Meu problema foi a droga. Comecei na maconha, acabei no crack. Estou quase conseguindo me recuperar, mas a rua não abandono. – Olhando para os companheiros arrematou: - Gosto daqui, difícil acreditar, mas foi na rua que eu me encontrei. Uma vida livre, sem responsabilidade, sem destino... sem conforto também.

Foi a vez de Juracy:

- Não conheci meu pai. Se é por falar de bebida, a única imagem que eu tenho da minha mãe é ela bêbada. Com seis anos já estava na rua. Fui aqui que eu me criei e da rua não saio.

Por um instante perdurou o silêncio. Cada qual com suas lembranças, em um turbilhão de alegrias e tristezas, esperanças e frustrações, boas recordações e mágoas.

Pela segunda vez naquela noite a voz de Teodoro foi ouvida. Com a expressão murcha, resolveu contar a sua estória.

- Eu fui o homem mais rico do País, ou melhor, eu fui o homem mais rico do mundo. Eu fui Ministro da Economia e depois Presidente da República. Eu inventei a cura do câncer e da AIDS. Eu tenho quatro prêmios Nobel: Paz, Física, Economia e Literatura. Fui o líder de uma banda de Rock em turnê mundial. Levantei duas copas do mundo para o Brasil. Venci os principais torneios de tênis do circuito mundial. Eu ganhei dois Oscars, um como ator e outro como diretor. No terceiro Oscar abri mão de

recebê-lo em protesto a guerra no Iraque. Fui campeão olímpico em diversas modalidades. Com o toque das mãos eu curei aleijados e amputados. Eu fui o primeiro homem a andar em Marte...

Enquanto os outros caíram na risada, Juracy enervado tratou de interrompê-lo:

- Chega de falar mentira “sô”.

Com absoluta calma Teodoro se virou para ele e respondeu:

- E eu ainda nem cheguei na metade.

Juracy prosseguiu com a provocação:

- Não estou aqui para ouvir mentira, ainda mais de um mendigo que não tem onde cair morto.

Teodoro suspirou. Recolheu seus pertences e se levantou. Rogério que estava delirando com aquela conversa parou de rir e o interpelou:

- Calma, onde você vai?

Teodoro que já se preparava para seguir seu rumo, apenas respondeu:

- Uma coisa que eu nunca fui nesta vida é ser mentiroso e não gosto de ser chamado assim. Eu vou embora.

Rogério levantou e o impediu.

- Você não vai a lugar nenhum. Está tarde. Você está doente e tem muito louco por aí. Senta e conta essa estória. Não liga para o Juracy. Ele é um bêbado e não sabe o que fala.

Assim que Teodoro se virou, Rogério gesticulou para que Juracy tivesse mais paciência e condescendência com Teodoro, dando a entender que sofria das idéias. De rabo de olho Teodoro percebeu e ainda arrematou com a voz mansa:

- Também não sou louco.

Rogério disse:

- Não tem nenhum louco aqui. Só queremos saber como você veio parar aqui e desse jeito.

Absolutamente interessado na narrativa, Zé tonho fixou seus olhos na expressão um pouco mais vívida de Teodoro e o incentivou:

- Vai. Conta para a gente essa estória. Faz muito tempo que ninguém me conta uma boa estória antes de dormir.

Desolado e com os ombros arqueados, Teodoro suspirou, como se tivesse o peso do mundo sobre si e prosseguiu:

- Meu começo, como todo bom começo que se preze foi muito difícil...

...

2 anos antes.

Teodoro com então 28 anos, havia deixado sua pequena cidade há 3 anos, onde era lavrador para ganhar a vida na metrópole.

Sem grandes ambições, queria experimentar a vida da grande cidade, com seus confortos, seus incontáveis prazeres, descobrir o mundo da diversão e quem sabe viver um grande amor.

Prometera a mãe quando da partida, ir à missa aos domingos, promessa que não perdurou por mais de 1 mês. Foi morar com um contra parente em um flat, pessoa que havia lhe arranjado uma entrevista de trabalho em uma firma de contabilidade, mesmo antes da sua vinda definitiva.

O flat, localizado em bairro nobre, ficava bem próximo dos melhores bares e casas noturnas, eleitos pela juventude como os pontos de encontro mais efervescentes daquela temporada. Por si só, eram chamarizes de moças bonitas dispostas a diversos tipos de relacionamento que iam de uma mera conversa, passando pelo flerte, com possibilidades efetivas de sexo, podendo inclusive se cogitar a concretização de um grande romance.

No próprio prédio era constante o afluxo de lindas meninas. Teodoro, ainda com a cabeça no interior, ficou atônito ao saber do colega de quarto que alguma daquelas gurias podiam muito bem ser “garotas de programa” e ficou abismado ao saber que elas ganhavam mais em um dia do que ele em um mês de trabalho.

Com apenas o supletivo de 2º grau, conseguiu o emprego de auxiliar de escritório, por um salário que a princípio julgou satisfatório. Sua função se revelou bastante árdua. Englobava arquivista, serviço de banco, Office boy, digitador e com certa freqüência faxineiro. Atividades que deveriam ser desempenhadas por duas ou até mesmo três pessoas, passaram a serem exercidas por ele. Por outro lado, seu salário não se mostrou condizente com a realidade de uma grande cidade. Tão logo que recebeu seu primeiro salário percebeu que não conseguiu pagar as despesas contraídas no mês passado.

O primeiro efeito disso foi abandonar o flat que dividia. Mesmo empregando todo o salário, não conseguiria ratear sua parte nas despesas, sem computar nisso qualquer alimentação. Foi forçado a deixar aquele local maravilhoso e badalado da noite para o dia, saindo ainda com fama de caloteiro.

Buscando uma hospedagem que se adequasse aos seus rendimentos foi parar em um quarto de pensão, com espaço para cama e uma pequena cômoda, na periferia, com uma vizinhança repleta de toda ordem de marginalizados.

Mesmo assim, reduzindo abruptamente o custo da moradia, pagas as despesas com transporte alimentação e de seu modesto celular, o dinheiro mal sobrava. Para dar vazão a seus desejos de consumos mais singelos, acabou atolado em crediários, o que implicou na cessação de todo o seu crédito.

Seu mundo era restrito ao escritório e ao quarto; ambos pareciam desabar. No escritório não correspondia ao esperado. Por ocasião de pedido de vale para honrar seus compromissos, sua carga de trabalho aumentava, inclusive com a realização de serão. Era um modo da gerencia de desencorajar e ao mesmo tempo punir aquela solicitação. A porta de seu quarto, por sua vez, fora arrombada e acabou sendo furtado em seus melhores objetos e roupas.

A vida toda nutrira o sonho de vir para a cidade grande para conhecer suas lindas moças. Meninas liberais e ousadas que não se importavam em se entregar para um homem no primeiro encontro. O mesmo tipo de menina que faziam “safadezas” daquelas vistas nos filmes proibidos que tivera oportunidade de assistir uma vez na casa do primo Tonico.

Mas o fato é que as moças da cidade os desprezavam. Quando morava no flat, ao tentar flertar com uma ou outra beldade, chegou a arrancar sonoras risadas. As moças da periferia sem a mesma beleza e classe também o ignoravam, mas ao invés de rir das suas investidas, acabavam soltando palavrões.

Aquela mudança radical de estilo de vida, triturou de tal modo suas esperanças que acabou por ceifar sua fé. Do dia para noite saiu do glamour para a sarjeta.
Que tipo de Deus permitia um mundo de excluídos? E mesmo que existisse um Deus assim, ficara claro para Teodoro que ele não

era um dos seus eleitos. Ou melhor, não passaria de um joguete na mão do Poderoso que o apresentaria em um dia o Paraíso, para que no dia seguinte lhe deixar bem claro que seu lugar era no Inferno.

Para o interior não voltaria. Não daquele jeito: Um derrotado! A bem dizer era apaixonado por aquela cidade, com suas atrações, sua prosperidade, suas moças lindas e liberais. Mas ficou claro desde o momento em que lhe fora mostrada a porta de saída do flat, que aquele mundo tinha a entrada cerrada para ele.

O único modo de acesso aquela vida seria com muito dinheiro. Foi lhe ensinado, ainda pequeno, que dinheiro vinha com o trabalho. Parecia que mais essa lição não passava de um engodo. Trabalhava muito, fora o tempo gasto na lotada condução. Mesmo consumindo o estritamente essencial, sem qualquer espécie de lazer, suas dívidas só aumentavam.

Ainda que trabalhasse muito, não era considerado um funcionário eficiente. Muito pelo contrário. Sua permanência no escritório de contabilidade era um tanto quanto incerta. Aos olhos da gerência era um empregado lerdo e relapso, que persistia em erros, custava a aprender e vivia a base de vales.

Chegou a cogitar a sua entrada para a bandidagem. Se não era proporcionado meios de ter o que queria, seria justo que os obtesse pelo meio da força. Contudo, para piorar de vez tão precária situação, Teodoro foi subtamente acometido por fortes dores de cabeça. Por dois dias conseguiu se manter. Na madrugada do terceiro dia, arrastou-se para a fila de atendimento de um posto de saúde público. Após quatro horas de espera, o máximo que conseguiu foi um frasco de analgésico ao ser atendido no plantão por um tal de Dr. Zimmer.

Naquela situação, não estaria apto a empreender nenhum esforço físico, o que lhe ceifou também a possibilidade de ingressar no caminho do crime.

Recordou-se um caso na própria família, com o mesmo sintoma, que levou um primo a óbito devido a um tumor no cérebro. Até então, Teodoro tinha uma aversão em relação a sua situação social e a grande dificuldade em galgar suas conquistas materiais, que poderia ser substanciada em um sentimento de revolta. No entanto, aquela nova situação trazia uma nova perspectiva por ele desconhecida: A possibilidade, ainda que remota, de ter seus dias contados.

Com dor, desesperançado, apático, sem fé, sem amores, sem família, sem amigos, sem dinheiro, não tinha qualquer estímulo para sair daquela situação. Seus sonhos e com eles suas ilusões de uma vida digna foram triturados sistematicamente pela avalanche de péssimos acontecimentos.

Seus poucos momentos de descontração eram restritos a varrer com os olhos as capas de revistas nas bancas de jornal. Perplexo, via homens bem vestidos com carros possantes, cercados de todo o luxo e conforto, rodeados por lindas mulheres. Mas a perturbação que aquelas imagens lhe traziam não era nada comparada àquela que teve ao constatar quanto ganharia seu ídolo no futebol na próxima temporada.

Assim a pouca distração que tinha acabava por alimentar mais sua rebeldia. O sucesso alheio o oprimia, por mostrar-lhe que havia sim uma vida cheia de alegria, beleza, luxúria, conforto, opulência, com lindas mulheres à disposição a um estalo de dedos. Uma vida que era desfrutada em maior ou menor grau por muitos, inclusive por aquele contraparente que lhe hospedou por um mês. Um mundo deslumbrante que ele não tinha nenhum acesso.

A frustração de viver assim lhe corroia. A eventualidade de seus dias estarem chegando ao fim lhe afligia. Abandonou o emprego, inclusive para não honrar os adiantamentos já percebidos.